

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

RAISSA DOS SANTOS ROCHA

**SERIA O SENHOR ALFERES MACHADIANO PSICÓTICO?
CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS A PARTIR DA LITERATURA**

São Luís - MA

2022

RAISSA DOS SANTOS ROCHA

**SERIA O SENHOR ALFERES MACHADIANO PSICÓTICO? -
CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS A PARTIR DA LITERATURA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Julia Maciel Soares

São Luís – MA

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Rocha, Raissa dos Santos.

 Seria o senhor alferes machadiano psicótico? :
 considerações psicanalíticas a partir da literatura /
Raissa dos Santos Rocha. - 2022.

 44 f.

 Orientador(a): Julia Maciel Soares.

 Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia,
 Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

 1. Identificação. 2. Imagem. 3. Psicanálise. 4.
 Psicose. I. Soares, Julia Maciel. II. Título.

RAISSA DOS SANTOS ROCHA

**SERIA O SENHOR ALFERES MACHADIANO PSICÓTICO? CONSIDERAÇÕES
PSICANALÍTICAS A PARTIR DA LITERATURA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA:

Prof. Dr. Carlos Antonio Cardoso Filho (Banca examinadora)
Universidade de Ensino Superior Dom Bosco

Profa. Dra. Isalena Santos Carvalho (Banca examinadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Ma. Alexandra Avelar Tavares (Banca examinadora - suplente)
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Julia Maciel Soares (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão
Professora Orientadora – Presidente da Banca Examinadora

São Luís, 28 de julho de 2022

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ray e Marcos, pelo apoio incondicional e por transmitirem o valor do mais além.

Ao meu irmão, Marcos, com quem posso ter trocas sinceras e sensíveis.

Aos professores do curso de Psicologia por compartilhar algo de suas trajetórias e pela transmissão de um ensino.

À profa. Julia Maciel que me acompanhou, orientou e inspirou durante o período de construção desse trabalho.

Aos colegas do curso de Psicologia com quem vivenciei experiências significativas da vida universitária.

Aos amigos mais do que especiais, Fernanda, Artur, Ciro, Aline, Vitor e Matheus, que me ofereceram suporte nos momentos mais decisivos dessa trajetória e cujo carinho, abertura, bom humor, perspicácia e presença, tornaram os dias mais afetuosos e inspiradores.

“A lua é gema do ovo

No copo azul lá do céu

Se a imagem é maluca

Se eu sou mau compositor

É que tenho a alma em sinuca”

(Jards Macalé)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo falar sobre a estrutura psicótica, a partir de um viés psicanalítico, em diálogo com um texto literário de Machado de Assis de 1882 intitulado O Espelho. Esse texto descreve a experiência do personagem principal, o sr. Alferes, de estranhamento e não-reconhecimento da própria imagem refletida no espelho. Tal contexto foi balizado por meio da ênfase em questões com a imagem, formação da função Eu e identificação, de acordo com a definição desses conceitos em Freud e Lacan. Verificou-se como resultados que o personagem apresenta características de funcionamento psíquico que ecoam as de um outro paciente psicótico famoso na história psicanalítica, as de Daniel Paul Schreber, que teve seu discurso estudado por Freud e que possibilitou avanços na formação dos conceitos da Psicanálise de Freud a Lacan.

Palavras-chave: psicose; psicanálise; imagem; identificação.

ABSTRACT

This paper aims to talk about the psychotic structure, from a psychoanalytic perspective, in dialogue with a literary text by Machado de Assis from 1882 entitled *O Espelho* (The Mirror). This text describes the experience of the main character, Mr. Alferes, of estrangement and non-recognition of his own image reflected in the mirror. Such context was marked through the emphasis on issues with the image, the formation of the I function and identification, according to the definition of these concepts in Freud and Lacan. It was verified as results that the character presents characteristics of psychic functioning that echo other famous psychotic patient in the psychoanalytic history that had his speech studied by Freud and that enabled advances in the formation of the concepts of Psychoanalysis from Freud to Lacan.

Keywords: psychosis; psychoanalysis; image; identification.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PSICOSE EM FREUD – CASO SCHREBER	13
3 ÉDIPO - ESTRUTURA PSICÓTICA	21
3.1 ESTÁDIO DO ESPELHO	23
3.2 A IDENTIFICAÇÃO	29
4 MECANISMOS DO FUNCIONAMENTO PSICÓTICO CARACTERIZADOS NA PERSONAGEM DO CONTO	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1 INTRODUÇÃO

O conto machadiano *O Espelho* trata de um episódio ocorrido na vida de um homem quando ainda muito jovem que passa por uma experiência de perda de si, daquilo que considerava como sua essência. Em virtude de sua recente promoção no exército a um posto que lhe tornava distinto, o que incitava seus familiares e conhecidos se referirem a ele somente sob honrarias e elogios por meio do significante Alferes – sua nova patente no exército. O conto data de 1882, antes mesmo da invenção da psicanálise e já comporta em si essa expressão da dualidade, e do estranhamento a que somos submetidos através da experiência com o inconsciente.

Nesse conto o autor nos leva a um momento marcante da vida da personagem principal o qual passou por uma experiência de estranhamento de sua própria imagem no espelho manifesta por meio de uma imagem "borrada", desfocada e que só voltou a ser nítida quando a personagem do conto veste um uniforme que designava seu novo posto do exército Imperial, Alferes. Evocando a afirmação que encontra a arte na vanguarda do mundo, esse conto pode nos ajudar a compreender o funcionamento humano, faz pensar sobre a fragilidade da imagem com o Eu, a relação com a linguagem e o quanto isso reverbera em questões do sujeito.

Além disso, essa experiência de estranhamento com o próprio corpo da personagem do conto fez eco a um texto famoso de Freud sobre Schreber que o psicanalista não atendeu pessoalmente, tendo, no entanto, acesso ao caso através do livro de memórias escrito por Schreber sobre seus delírios e alucinações em seus dois períodos de internação.

Em seu *Memórias de um doente dos nervos*, Schreber descreve uma série de sintomas psicóticos, dentre eles episódios de estranhamento com seu corpo, onde ele descrevia alucinações cenestésicas, como a “perda” de alguns órgãos: “[...] queixava-se de sofrer de um amolecimento cerebral” (FREUD, 1911 [2010] p.18), ou ainda: “[...] viveu muito tempo sem estômago, sem intestinos, quase sem pulmões, com o esôfago dilacerado, sem bexiga, com as costelas esfaceladas, algumas vezes teria engolido parte de sua laringe junto com a comida etc.[...]” (FREUD, 1911 [2010] p. 23)

Entretanto, o processo de estranhamento com a imagem de si refletida no espelho ou de um modo geral, não é exclusiva dos sujeitos psicóticos. Na neurose é possível que essa relação de estranhamento com a própria imagem possa nos

remeter a situações de uma certa desorganização psíquica que em alguns se manifesta como um desconforto com a imagem refletida no espelho após um corte de cabelo, cirurgia bariátrica ou plástica.

Na psicose, no entanto, essa vivência com o próprio corpo pode significar um episódio de surto e/ou desorganização psíquica do sujeito. Por falta de uma sustentação simbólica na psicose, isto é, de estar inserido no sistema linguístico neurótico que parte da noção fundamental da Lei simbólica, de castração, o sujeito psicótico está fixo nos modelos imaginários da partilha dos sexos, de autoridade, etc, um arranjo precário e paliativo sujeito a episódios de ruptura (QUINET, 2018).

O ponto principal do conto está na experiência de estranhamento da própria imagem do protagonista refletida no espelho, o que evocou relatos de um princípio de surto psicótico, menos por sintomas na linguagem, como falta de coerência em sua fala, ou por um delírio sistematizado, tal como constata-se em Schreber (FREUD, 1911 [2010]), mas mais por conta da relação entre a palavra *alferes* e a dificuldade de se apreender na imagem de um homem que até então atendia pelo próprio nome em diminutivo.

A personagem passa por uma mudança de posição simbólica, assim como o presidente Schreber, por conta de uma promoção, situação que faz ecoar a impossibilidade de significar essa mudança no sistema simbólico, bem como aponta para uma ruptura que depende da imagem para se recompor, que será literal no conto quando o sr. Alferes veste seu uniforme e dirige-se ao espelho e só então é capaz de se reconhecer, de ver uma imagem mais acurada de si, e que para Schreber se apresenta como um ritual de passar horas em frente ao espelho coberto de adereços femininos enquanto acompanhava a transformação de seu corpo em um corpo de mulher. Ambas as situações parecem ser recursos que eles lançam mão para se reorganizar psiquicamente.

Dessa forma, levando em conta as características que fazem ressoar o caso Schreber e, portanto, uma posição psicótica da personagem machadiana de *O Espelho*, a seguinte questão se coloca: seria esse personagem, ele mesmo, um psicótico?

A utilização desse conto machadiano como fio condutor deste trabalho se apoia na ideia de que a produção artística é de grande valia para os estudos em psicanálise. Freud (1910 [2013]) considera que a arte também pode se ocupar de questões que interessam à Psicanálise, ainda que o façam pela via do prazer estético e que, por

isso mesmo, devido sua natureza enquanto meio privilegiado de provocar determinados efeitos emocionais, fazem modificações que privilegiam seu objetivo principal, o prazer. Ainda assim, a arte dispõe de recursos que podem fazer alusão à realidade de manifestações psíquicas e seu desenvolvimento, servindo de apoio para abordar tais questões.

Os escritores obedecem à condição de visar o prazer intelectual e estético, assim como determinados efeitos emocionais; por isso não podem apresentar sem mudanças o material da realidade, (...). Além disso, não podem manifestar grande interesse pela origem e pelo desenvolvimento dos estados mentais que descrevem de forma acabada. Então é inevitável que a ciência, com uma mão mais pesada e menor obtenção de prazer, venha se ocupar das mesmas matérias cuja elaboração poética deleita os seres humanos há milênios. (...) Pois a ciência é a mais completa renúncia do princípio do prazer que a nossa atividade psíquica é capaz de fazer. (FREUD, 1910 [2013], p. 335)

Neste mesmo sentido, Lacan fala em seu primeiro seminário que “Toda ciência permanece, pois, muito tempo nas trevas, travada na linguagem” (LACAN, 1953 [2009] p. 10), apontando de que maneira outras formas de expressão culturais, como a arte, podem lançar as bases para a definição de conceitos teóricos que ainda não são apreendidos na linguagem científica remetendo ainda a uma tradição utilizada desde os primórdios da construção da teoria psicanalítica quando Freud fez algumas análises de obras literárias para contribuir com a confecção de certos conceitos.

O objetivo geral deste trabalho será articular o funcionamento psíquico do personagem Alferes com a estrutura psicótica segundo a teoria psicanalítica. Dessa maneira, os objetivos específicos são: identificar o funcionamento psicótico em Freud a partir do caso Schreber; percorrer as questões de surto e estabilização da psicose a partir da psicanálise e fazer a análise literária do conto O Espelho a fim de identificar o funcionamento psíquico do personagem sr. Alferes a partir de aproximações com a estrutura psíquica da psicose.

Esse trabalho monográfico terá por base os fundamentos teóricos da psicanálise. Dessa forma, as fontes para a construção dessa monografia serão aquelas postuladas pelo fundador da Psicanálise e outros psicanalistas que contribuíram grandemente no trabalho com questões levantadas por Freud, portanto, uma pesquisa bibliográfica, que não se fecha em uma mera reprodução do que já foi dito sem que algo possa ser dito de outra maneira levando em conta a singularidade do pesquisador (LAMEIRA, COSTA, RODRIGUES, 2017).

Trata-se de um estudo exploratório de revisão bibliográfica a partir de fontes que são obras basilares para estudos em Psicanálise - que irão compor o referencial teórico-metodológico deste trabalho monográfico.

Entre os autores que serão utilizados estão: Sigmund Freud, Jacques Lacan, Antonio Quinet, entre outros. Para auxílio na composição desse trabalho também serão pesquisados textos nas bases de dados PePSIC e SciELO com descritores como: estabilização da psicose, psicanálise e estabilização da psicose, imaginário e psicose, entre outros. O trabalho com esses textos será por meio de fichamentos comentados para compor os capítulos deste trabalho monográfico.

2 PSICOSE EM FREUD – CASO SCHREBER

De início, é preciso estabelecer as características psíquicas da psicose em Freud tomando como base o texto *clássico: Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia [“O Caso Schreber”] (1911 [2010])*. Nesse texto, Freud fará uma análise do relato autobiográfico escrito e publicado pelo próprio Daniel Paul Schreber que narra todo o decurso de sua doença e esmiúça a natureza de seus delírios.

Schreber teve dois episódios de internação, a primeira na Clínica do Dr. Flechsig, onde ficou internado durante seis meses, entre os anos de 1884 e 1885, diagnosticado com “hipocondria severa”. Segundo Freud (1911 [2010]), não há como garantir com certeza sobre as circunstâncias que antecederam o desencadeamento do primeiro episódio, mas é possível saber, por meio de uma citação de Freud (1911 [2010]) de *Memórias de um Doente dos Nervos*, que o primeiro episódio sucedeu uma candidatura ao Reichstag [Parlamento].

Em junho de 1893 Schreber recebeu um comunicado de nomeação para presidente da Corte de Apelação e em outubro do mesmo ano assumiu o cargo. No intervalo entre a nomeação e a posse, Schreber sonhou algumas vezes que sua doença voltava, o que o deixou muito infeliz. Certa vez, numa manhã, entre o sono e a vigília, Schreber teve “a ideia de que deveria ser realmente bom ser uma mulher se submetendo ao coito” (SCHREBER, 1903, p. 36 apud FREUD, 1911 [2010], p. 18), o que em outro momento teria lhe causado bastante indignação.

Ao analisar uma citação que Freud faz do *Memórias*:

O dr. Schreber relata: ‘Estive doente dos nervos duas vezes, ambas em consequência de uma excessiva fadiga intelectual; a primeira vez por ocasião de uma candidatura ao Reichstag [Parlamento] (quando eu era diretor do Tribunal de Província em Chemnitz), a segunda vez por ocasião da inusitada sobrecarga de trabalho que enfrentei quando assumi o cargo de presidente da Corte de Apelação de Chemnitz, que me tinha sido então recentemente transmitido (SCHREBER, 1903, p. 34 apud FREUD, 1911 [2010], p. 16)

De saída, é possível perceber que os dois casos de surto coincidem com duas situações de promoção, ou seja, significam mudanças de posição na ordem social a qual Schreber estava submetido.

O segundo episódio de adoecimento iniciou no final de outubro de 1893, logo após Schreber assumir o cargo de presidente da corte de apelação, o que o fez procurar a clínica de Flechsig novamente onde teve um quadro rápido de piora. Ele

foi removido de Leipzig - onde ficava a clínica do Dr. Flechsig - e após breve permanência em uma instituição, foi transferido ao sanatório de Sonnenstein onde permaneceu até o desenvolvimento da doença em sua forma definitiva.

No início da internação manifestava várias ideias hipocondríacas, queixava-se de sofrer um amolecimento cerebral, de que morreria logo etc., mas logo em seguida se acrescentaram ao quadro mórbido ideias de perseguição derivadas de alucinações, que no início ainda se manifestavam esporadicamente, ao mesmo tempo que começava a se mostrar uma notável hiperestesia — grande sensibilidade à luz e ao barulho. Mais tarde se tornaram mais frequentes as alucinações auditivas e acústicas, que, ao lado de distúrbios sensoriais comuns, acabaram por dominar sua sensibilidade e seu pensamento: considerava-se morto e apodrecido, doente de peste, supunha que seu corpo fosse objeto de horríveis manipulações de todo tipo e, como afirma ainda hoje, sofria as coisas mais terríveis que se possam imaginar — e tudo isso em nome de uma causa sagrada. (FREUD, 1911 [2010], p.19)

No segundo episódio de surto, Schreber apresentava questões com o corpo, sentia-se desfazendo, manipulado e perseguido. Xingava quem acreditava que o teria traído e prejudicado, principalmente Flechsig, a quem atribuiu poderes sobrenaturais e megalomaniacos, exercidos inclusive sobre Deus. Desenvolveu ainda um sistema delirante que o posicionava no centro de uma conspiração onde ele passava de perseguido e humilhado para uma posição de redentor da humanidade.

Schreber se julgava alvo de manipulações divinas através da atração que seu corpo exercia sobre Deus por conta de seus nervos muito excitados. O ponto principal desse delírio consistia no fato de que seu corpo deveria se transformar em um corpo de mulher a fim de ser fecundado por Deus dando origem a uma nova linhagem de homens. Esse processo levaria anos e somente após decorrido longo tempo, ele poderia morrer de morte natural e devolver a beatitude ao mundo.

Freud (1911 [2010]) destaca ainda que inicialmente, o delírio de Schreber de transformação em mulher não tinha essa finalidade nobre e redentora de salvador da humanidade, essa, pelo contrário, é posterior à ideia original do delírio. Schreber afirma em seu *Memórias* que a transformação deveria ocorrer para fins de abuso sexual fruto de uma conspiração criada e liderada pelo Dr. Flechsig. Além disso, Freud (1911 [2010]) destaca que sua transformação em mulher era motivo de zombaria por parte das “vozes” que ele ouvia, uma espécie de afronta: “Não raro, os raios divinos, aludindo à emasculação supostamente iminente, acreditavam poder zombar de mim como ‘Miss Schreber’ (p. 27) - *Isso quer ser um presidente da Corte*

de Apelação e se deixa f...” (SCHREBER, 1903, p. 127 apud FREUD, 1911 [2010], p. 27)

Esta ideia de tornar-se mulher foi a única parte de seu sistema delirante que persistiu após a recuperação da doença. A única ideia e o único ato “que pode soar como algo irracional aos olhos das outras pessoas [...]” (SCHREBER APUD FREUD, 1911 [2010], p. 28), tendo em vista, o fato de que Schreber passava alguns momentos do dia diante de um espelho, com o peito seminu e portando alguns adereços femininos, como um exercício para acelerar o processo de sua transfiguração corporal.

A única coisa que pode soar como algo irracional aos olhos das outras pessoas é a circunstância apontada pelo senhor perito de que às vezes eu sou encontrado com o tronco seminu diante do espelho ou algum outro lugar, enfeitado com adereços um tanto femininos (fitas, colares de bijuteria etc.). Mas isso só acontece quando estou só, e nunca, pelo menos até onde eu posso evitar, na presença de outras pessoas (p. 429). Tais brincadeiras o sr. juiz-presidente confessou na mesma época (julho de 1901) em que achou, para definir a saúde prática que havia reconquistado [...] (SCHREBER, 1903, p. 429 apud FREUD, 1911 [2010], p. 28-29)

Esse movimento de Schreber de passar algumas horas diante do espelho a fim de estimular e completar sua transformação em mulher, denota uma certa característica da psicose de encontrar sua estabilização a partir do contorno de sua imagem devolvida pelo outro. Essa questão com a imagem ecoa um funcionamento da instância do eu enquanto formado a partir da identificação consigo mesmo, com sua imagem e com o contorno de seu corpo. O conjunto de identificações que compõem a base da afirmação de uma identidade é que pode vacilar neste período de desorganização psíquica da psicose e, por consequência, a experiência resultante disso é uma sensação de despedaçamento do próprio corpo (QUINET, 2018).

Dessa maneira, parece ser através deste exercício de se colocar diante do espelho a fim de sancionar a identificação a uma imagem reconhecível por Schreber, nesse caso, um corpo de mulher, que o próprio parece ordenar sua estabilização: “A transformação em mulher fora o punctum saliens, o primeiro gérmen do sistema delirante; ela também se revelou a única parte a subsistir após a recuperação, e a única a conservar um lugar nos seus atos concretos depois de restabelecido.” (FREUD, 1911 [2010]) Essa atitude faz eco ao personagem Alferes de Machado de Assis que trataremos com mais detalhes no capítulo três deste trabalho.

Freud (1911 [2010]) aponta ainda que Schreber, em sua vida pregressa aos dois episódios de internação, era ateu e, portanto, cético no que diz respeito

a questões religiosas. Após sua doença, acredita ter a prova cabal da existência divina, descartando a possibilidade de que sua mudança de fé possa ser fruto de delírios, “ilusões dos sentidos”, pois afirma que essas ilusões só poderiam se manifestar em quem, “no seu estado nervoso morbidamente excitado”, já cultivasse fé no divino, o que, naturalmente, não era seu caso. No entanto, em seu sistema delirante, Schreber é uma ameaça à existência de Deus:

Pois na Ordem do Mundo há uma lacuna, devido à qual a própria existência de Deus parece ameaçada. Em virtude de circunstâncias que não vêm a ser explicadas, os nervos de homens vivos, sobretudo em estado de excitação muito intensa, exercem tal atração sobre os nervos de Deus, que Deus não pode mais livrar-se deles, e então é ameaçado em sua existência (p. 11). Esse caso, extremamente raro, verificou-se com Schreber, trazendo para ele os maiores sofrimentos. O instinto de autoconservação de Deus foi despertado (p. 30), e viu-se que Ele estava muito longe da perfeição que lhe atribuem as religiões. Todo o livro de Schreber é permeado pela amarga queixa de que Deus, habituado ao trato com os mortos, não compreende os vivos. (FREUD, 1911 [2010], p. 33)

Como fio condutor das possibilidades de interpretação, Freud (1911 [2010]) retorna ao que seria o cerne do delírio de Schreber, que inicialmente poderia ser sumarizado enquanto um delírio de perseguição, cujo autor causador seria seu primeiro médico, o prof. Flechsig, aqui acusado de cometer uma tentativa de assassinato de alma. Para tanto, ele faz uso de uma fórmula “simples” que procura justificar a escolha de alguém especialmente como perseguidor e complotista. Dessa forma, a fórmula aponta que aquele a quem o delírio confia tanto poder seria justamente aquele em quem foi depositado uma enorme quantidade de sentimento, de afeto. Nesse sentido, o delírio de perseguição é uma maneira de justificar essa mudança de sentimento.

Assim, fica determinado que uma fantasia feminina passiva é a causa do colapso psíquico de Schreber, sua transformação em mulher para proveito de Flechsig. O que suscita a dúvida: por que a figura do médico, do professor Flechsig, foi escolhida enquanto objeto de um afeto tão intenso que logo foi convertido em um delírio de perseguição onde o mesmo se torna perpetrador de planos tão degradantes segundo Schreber? Freud (1911 [2010]) então lança mão do conceito de transferência que aponta para uma substituição, nesse caso, da figura paterna ou de um irmão mais velho de Schreber que encontrou um receptáculo perfeito para lidar com esses conflitos afetivos.

Freud (1911 [2010]) ainda chama atenção para o fato de que no delírio do paciente paranoico há uma cisão de Flechsig (Flechsig superior e Flechsig médio) do mesmo modo como há uma cisão de Deus (Deus inferior e Deus superior).

Nisso as Memórias nos fornecem uma primeira indicação, ao mostrar que, para o doente, “Flechsig” e “Deus” estão na mesma categoria. [...] Assim como o perseguidor se divide em Flechsig e Deus, quando olhamos o delírio em seu conjunto, o próprio Flechsig se decompõe mais tarde em duas personalidades, no Flechsig “superior” e “médio”, e também Deus no “Deus inferior” e “superior”. A decomposição de Flechsig vai ainda mais longe nos últimos estágios da doença (p.193). Uma tal decomposição é bem característica da paranoia. Esta decompõe assim como a histeria condensa. Ou melhor, a paranoia dissocia novamente as condensações e identificações realizadas na fantasia inconsciente. O fato de essa decomposição repetir-se várias vezes em Schreber exprime, de acordo com C. G. Jung, a importância da pessoa em questão. [...] Todas estas cisões de Flechsig e Deus em várias pessoas significam, portanto, o mesmo que a divisão do perseguidor em Flechsig e Deus. [...] Para interpretar todos esses elementos, resta-nos também lembrar a decomposição do perseguidor em Flechsig e Deus, e conceber essa decomposição como reação paranoide a uma identificação antes existente entre os dois, ou ao fato de pertencerem à mesma série. (FREUD, 1911 [2010], p. 66)

Dessa forma, a fragmentação, a dissociação, decomposição seriam característicos da paranoia e portanto, da psicose. Enquanto a histeria e, portanto, a neurose, através do processo de condensação e deslocamento dão notícia de uma cadeia mais ou menos interligada, a psicose “prática” o contrário, ela desassocia identificações e condensações inconscientes. Mais tarde, Quinet definirá esse aspecto como: “Cada vez que Deus se afasta, ele é “deixado largado”; quando o Outro o abandona, deixando-o para lá, produz-se uma verdadeira decomposição do significativo.” (QUINET, 2018, p. 39)

Freud (1911 [2010]) propõe, apoiado em seus trabalhos sobre a sexualidade infantil, que a etiologia da paranoia seria resultado de um mecanismo de defesa. Tomando como base lá memórias escritas por Schreber, estabelece que, mediante uma fantasia de desejo homossexual, a reação é uma formação de delírio persecutório. Esse mecanismo seria possível devido à operação de desenvolvimento da libido que, a fim de chegar à posição de eleger um objeto de amor, percorre um caminho que sucede o autoerotismo, denominado narcisismo. Dessa maneira, o indivíduo toma a si mesmo, seu próprio corpo, como objeto de amor até que possa fazer a escolha por outra pessoa como esse objeto.

Esse processo de escolha objetual compõe a base para as pulsões sociais, aquelas que possibilitam ligações como amizades, relações entre grupos, comunidades, etc. No entanto, algumas pessoas, segundo Freud (1911 [2010]),

permaneceriam por muito mais tempo nessa fase narcísica e talvez nunca a superassem por completo, o que seria a base da homossexualidade, visto que, nesta fase, os genitais já estariam no bojo do autoerotismo e dessa forma, comporia a exigência de que o outro enquanto objeto de amor possuísse genitais semelhantes aos seus.

Em seus trabalhos sobre a sexualidade infantil, Freud (1911 [2010]) propõe ainda que em todo o caminho percorrido pela libido em seu desenvolvimento, haveria a possibilidade da fixação. Essa vicissitude consistiria em “pontos fracos” onde em uma situação de regressão da corrente libidinal ou uma quantidade insolitamente elevada da mesma provocaria um escoamento por caminhos não convencionais já abertos durante o percurso normal de desenvolvimento da libido. Pessoas com pontos de fixação estariam predispostas a doenças e sujeitas à erotização das pulsões sociais, pondo em risco as sublimações conquistadas pelo caminho.

Como vemos, em nossas análises, que os paranoicos buscam defender-se de tal sexualização de seus investimentos instintuais sociais, somos obrigados a supor que o ponto fraco de seu desenvolvimento deve estar no trecho entre autoerotismo, narcisismo e homossexualidade, que ali se acha a sua predisposição à doença, predisposição talvez suscetível de uma definição mais precisa. (FREUD, 1911 [2010], p. 83)

Dessa maneira, Freud (1911 [2010]) entende o delírio enquanto o resultado da laboração que visa defender o doente de pulsões homossexuais, que devido ao seu processo de desenvolvimento libidinal, tornam o sujeito mais suscetível a esse tipo de intercurso.

Para tanto, Freud (1911 [2010]) faz uso da análise de frases habituais em delírios paranoicos, frases que evidenciam a projeção característica dessa estrutura. Dessa maneira, a frase proposta para o caso Schreber é “eu o odeio porque ele me odeia”, essa seria a tentativa de resolução possível para o paciente que se encontra nesse estado de delírio de perseguição, que como apresentado anteriormente, descende de um forte sentimento positivo, anteriormente nutrido pelo paciente, por seu atual objeto de ódio, por ele apontado como autor da perseguição.

Essa saída seria possível por conta do mecanismo da projeção característico da paranoia. Inicialmente, essa frase poderia ser definida da seguinte forma: “*Eu* (um homem) *amo ele* (um homem)”, algo não passível de representação e, portanto, suprimido através do processo de recalque. O recalque pode ser dividido em três fases, a primeira fase é a fixação que consiste em uma pulsão ou parte de uma pulsão

que não passa por seu desenvolvimento normal, permanecendo em seu estágio infantil. Essa, portanto, precede o recalque. No entanto, essa corrente libidinal que ficou para trás se comporta como um “produto” de recalque, no sistema inconsciente.

A segunda fase é o recalque propriamente dito que Freud (1911 [2010]) caracteriza como uma pós-pressão. Ela partiria de sistemas mais elevados do eu, aqueles que têm acesso à consciência. São recalcados derivados psíquicos fortalecidos das pulsões que ficaram fixadas, o que provocaria um conflito com o Eu e tendências psíquicas que sofrem aversões em geral. Porém, Freud (1911 [2010]) enfatiza que essas tendências psíquicas não sofreriam recalque se seu conteúdo não se ligasse de alguma maneira àquelas pulsões que ficaram para trás.

Por fim, a terceira fase compreende o que seria o fracasso do recalque, ou seja, o retorno do recalcado. A irrupção dessa corrente libidinal retorna a partir do ponto de fixação onde ocorre uma regressão no desenvolvimento da libido.

De toda forma, o processo de recalque provoca uma cisão, um desprendimento da libido, enquanto o retorno do recalcado pode ser apontado como a fonte de formação do sintoma. *“Diremos, então, que o processo de repressão consiste num desprender-se da libido em relação a pessoas — e coisas — antes amadas.”* (FREUD, 1911 [2010], p. 94). No caso Schreber, segundo Freud (1911 [2010]), o seu delírio de catástrofe mundial denuncia esse tipo de cisão, um processo de recalque e que, portanto, o delírio seria a formação de sintoma resultante desse processo.

A retirada da libido do mundo externo por parte de Schreber torna o mesmo indiferente e sem relação com ele. O delírio de catástrofe representa a destruição de seu mundo subjetivo: “O fim do mundo é a projeção dessa catástrofe interior; seu mundo subjetivo acabou, depois que retirou dele o seu amor.” (FREUD, 1911 [2010], p. 93) Dessa forma, faz-se necessária a reconstrução desse mundo, o que de fato acontece com a construção do delírio.

E o paranóico o reconstrói, não mais esplêndido, é certo, mas ao menos de forma a nele poder viver. Ele o constrói mediante o trabalho de seu delírio. O que consideramos produto da doença, a formação delirante, é na realidade tentativa de cura, reconstrução. Após a catástrofe, a reconstrução tem sucesso maior ou menor, nunca total; nas palavras de Schreber, “uma profunda modificação interna” verificou-se no mundo. (FREUD, 1911 [2010], p. 94)

Destarte, o delírio paranoico pode restabelecer novas relações com o mundo externo, com as pessoas e coisas que habitam nele, ainda que de forma agressiva. É possível afirmar ainda, que esse restabelecimento de relação com o entorno devolve,

recoloca, redireciona a libido desprendida novamente a quem possuía relação anteriormente, desfazendo assim o recalque e estabelecendo um processo de cura. Entretanto, Freud (1911 [2010]) adverte: “Não foi correto dizer que a sensação interiormente suprimida é projetada para fora; vemos, isto sim, que aquilo interiormente cancelado retorna a partir de fora. A investigação minuciosa do processo de repressão, que adiamos para outra oportunidade, nos trará certeza quanto a isso.” (FREUD, 1911 [2010], p. 95), afirmação posteriormente tomada por Lacan para embasar seu conceito de forclusão, negação singular da psicose, o que será abordado no próximo capítulo.

Retornando ao processo de recalque, Freud (1911 [2010]) indica que nem todo desprendimento de libido resultante de recalque provoca formações de sintomas delirantes característicos da paranoia. Esse tipo de cisão de investimento libidinal é um processo muito comum, presente principalmente no trabalho do luto. Desse modo, se faz necessário diferenciar um processo do outro. Então, Freud (1911 [2010]) propõe que todo esse investimento retorna para O Eu paranoico, fazendo-o engrandecer, um delírio de grandeza, como verificado no caso de Schreber, o que possibilita o retorno ao narcisismo, fase onde seria possível localizar a fixação ocorrida nos casos de paranoia.

O combate da repressão desencadeia-se de novo, mas dessa vez recorre a meios mais fortes; à medida que o objeto de litígio se torna o mais importante do mundo exterior, e de um lado quer atrair toda a libido para si, de outro lado mobiliza todas as resistências contra si, a luta pelo objeto vem a ser comparável a uma batalha geral, no decurso da qual a vitória da repressão manifesta-se na convicção de que o mundo acabou e restou apenas o Eu. (FREUD, 1911 [2010], p. 97)

Todavia, Freud (1911[2010]) faz uma ressalva e enfatiza que não é certo afirmar que o paranoico perdeu completamente o interesse pelo mundo. Ele o percebe e é instado a teorizar sobre ele, elaborar razões para as mudanças testemunhadas.

De acordo com o exposto até então, é possível traçar paralelos entre o caso Schreber e o conto machadiano aqui trabalhado. Em ambos os casos, o que poderia ter sido o desencadeador do surto? Além disso, qual função o espelho desempenha tanto no caso de Schreber quanto para o personagem alferes que parece servir-se do mesmo para se organizar psiquicamente?

Antes de seguirmos com essas questões que se colocam no diálogo proposto entre o caso Schreber e o personagem machadiano, é preciso percorrer um caminho com alguns conceitos da Psicanálise a fim de reunir ferramentas teóricas para melhor

abordá-las. Dessa forma, trataremos da psicose a partir da estrutura de subjetivação do Complexo de Édipo a fim de ilustrar quais recursos psíquicos a psicose pode dispor.

3 ÉDIPO - ESTRUTURA PSICÓTICA

Quando falamos em estrutura em Psicanálise, ela obrigatoriamente passa pelo Édipo, pois refere-se a determinadas posições do sujeito em relação à linguagem e à castração.

Em Freud a questão do Complexo de Édipo é uma das mais fundamentais na teoria psicanalítica. É a partir dele que vai ser possível falar em constituição subjetiva, e ainda determinante à posição de cada sujeito perante o sexo e à castração.

O que encontraremos na teoria freudiana será a seguinte definição: o Édipo tem dois tempos: o primeiro tempo se refere às ameaças de castração devido a atividade masturbatória infantil que é a expressão da excitação sexual do menino em atitude edipiana; essa atitude foi definida por Freud (1924 [2017]) como um período no desenvolvimento da sexualidade infantil onde a mãe é tomada enquanto um objeto de desejo e o pai um rival. No segundo momento, a ameaça de castração faz efeito quando a criança descobre que a mãe não tem pênis, ou qualquer mulher, o que culmina no abandono da atitude edipiana a qual sucumbe ao recalque dando origem ao supereu a partir da identificação com o pai (FREUD, 1924 [2017]).

Para Lacan (1958 [1999]) o Édipo pode ser dividido em três tempos: No primeiro tempo, a criança é identificada ao falo, ou seja, identificada como o objeto de desejo da mãe; só a mãe é capaz de satisfazer e suprir as necessidades da criança. A mãe como ser falante é submetida à lei simbólica e a criança recebe a incidência dessa lei, no entanto, por conta de sua situação de dependência, essa é uma lei incontrolada, onipotente. Portanto, nesse primeiro tempo, a mãe é para a criança um Outro absoluto, sem lei.

É nesse momento que Lacan localiza e formula o estágio do espelho que corresponde a formação do eu por intermédio da imagem do outro. Esse evento confere ao *eu* esse caráter ilusório de uma unidade – função de desconhecimento paranoico – quando ainda não há maturidade neurofisiológica do indivíduo. Em outras palavras, o *eu* nunca está só, mas sempre acompanhado de seu duplo especular (QUINET, 2018).

Dessa forma, é nesse registro que são encontrados os mecanismos de defesa do eu como: projeção, transativismo e rivalidade. A identificação com o outro também é imediata por não haver mediação simbólica, além de que identificação e erotização se confundem.

O segundo tempo do Édipo corresponde a inauguração da simbolização, quando a criança começa a simbolizar a ausência-presença da mãe, exemplificado por Freud (1920 [2010]) em Além do Princípio do Prazer pelo fort-da, um significante, que podemos definir como protótipo do brincar simbólico, pois a criança faz algo com a ausência da mãe, além do que, a produção de som denuncia a entrada da criança no simbólico.

Desse modo, a mãe, podendo ser simbolizada por uma palavra, passa de um estatuto de objeto primordial ao de signo. A relação da mãe com a criança, portanto, passa a ser mediada pela linguagem. Essa mediação não acontece sozinha, é preciso um terceiro que introduza a Lei de interdição. É aí que aparece a instância paterna através daquilo que no discurso da mãe representa o pai: o Nome-do-Pai, significando para a criança que o desejo da mãe se encontra em outro lugar.

O Nome-do-Pai é o que permite que a mãe seja simbolizada, o que possibilita metaforizar a ausência da mãe. Ele se inscreve no Outro que até então era ocupado inteiramente pela mãe. A criança não é mais submetida a um Outro onipotente, a Lei é de fato instalada para o sujeito no lugar do Outro que se constitui como lugar da Lei do pacto da fala. O efeito dessa castração simbólica aparece no imaginário como falta; e o falo é o significante que permitirá ao sujeito atribuir significação a seus significantes, é o que permite ao sujeito situar-se na ordem simbólica e na partilha dos sexos como homem ou como mulher.

O terceiro tempo é o do declínio do Complexo de Édipo quando o garoto passa de ser o falo - da mãe - para ter o falo. Aqui o significante do Nome-do-Pai é o que permite ao homem a significação da virilidade e à mulher a sua feminização. O Nome-do-Pai é também o significante que permite ao homem o qualificativo de pai, pois a paternidade só é articulada a partir do registro simbólico.

Assim, tem-se que, na Neurose, o que está em jogo é o mecanismo de defesa denominado recalque, que realiza um movimento de rechaço de um conteúdo incompatível com a instância psíquica do eu em um período remoto de desenvolvimento da mesma, que por conta da falta de recursos mais sofisticados, faz uma negação desse conteúdo que não obstante retorna na forma de sonhos, lapsos, chistes e sintomas.

Na perversão há uma espécie de negação da castração materna, ou seja, da falta que é característica dos seres de linguagem, definida como desmentido. Essa

posição em relação à linguagem e à castração será refletida em questões conflituosas perante a Lei que rege o contrato social dos seres de cultura.

Finalmente, na psicose, a castração é negada por meio da foraclusão, termo emprestado ao judiciário francês por Lacan que é utilizado para se referir a um processo que prescreveu, ou seja, quando não há possibilidade de apelação. Isso significa que, na psicose, haverá uma impossibilidade de introjeção ou até mesmo de acesso à Lei simbólica, o que provocará uma dinâmica de estranhamento e estrangeirismo com a linguagem, resultando em alucinações e delírios que são tomados, em psicanálise, enquanto uma tentativa de cura.

Dessa forma, a foraclusão do Nome-do-Pai significa não atravessar a epopeia edípica e, portanto, impossibilita a significação fálica advir. Essa operação possibilita uma tomada de posição enquanto sujeito da linguagem e, portanto, condena o mesmo a lidar com a falta, com o recalque e a castração, enquanto esse limite constitutivo do humano.

No psicótico a não inscrição do Nome-do-Pai no Outro, ou seja, a não inscrição da lei simbólica, impossibilita a travessia da epopeia edípica. O Nome-do-Pai - enquanto metáfora para interdição no Outro, enquanto limite, ou ainda em outros termos, como metáfora da castração - é esse significante S1 que organiza e inaugura uma série simbólica e que permite a significação de seu sexo. Dessa forma, a falta desse significante engendra aquilo que é característico da psicose: os distúrbios de linguagem, a alucinação e o delírio (QUINET, 2018).

3.1 ESTÁDIO DO ESPELHO

Ao tratarmos da estrutura subjetiva da psicose e, mais especificamente, para a linha argumentativa que seguirá esse trabalho, a saber as questões de reconhecimento da própria imagem notórias no personagem de Machado de Assis, se faz necessário lançar mão dessa proposta teórica lacaniana tão cara à Psicanálise, a saber, o estágio do espelho.

Lacan (1949 [1998]) toma, como base para a formulação, em um primeiro momento, da teoria do estágio do espelho, os experimentos de Psicologia Comparada que atestam que, por um curto período de tempo, mas ainda assim por um tempo, o bebê humano é superado em inteligência por um chimpanzé. Nesse momento, no

entanto, esse infans já é capaz de reconhecer sua imagem no espelho. Um dom que lhe causa prazer, que Lacan nomeia júbilo.

Essa capacidade de reconhecer a própria imagem no espelho, ou seja, se identificar com aquela imagem, revela bem o caráter ilusório e precipitado do eu. Na ocasião em que isso acontece, o bebê humano ainda não é capaz de dominar todas as funções do próprio corpo, até este momento, está sob total dependência de um semelhante e ainda assim se precipita na identificação com seu reflexo no espelho, que pressupõe uma unidade que não existe de fato, enquanto percepção e, portanto, vai compor as bases de identificações posteriores.

Lacan (1956 [1995]) propõe que a criança realiza essa operação em três fases onde a primeira toma essa imagem enquanto outro; a segunda fase compreende uma transição da percepção dessa imagem que hora é tomada como o eu, hora é tomada como o outro, um intermédio para onde “voltariam” aqueles em caso de despersonalização; e finalmente, a terceira parte onde a criança se identifica a imagem refletida no espelho dando vistas de uma integração total de seu corpo anteriormente fragmentado com investimentos pulsionais dispersos, ensejando a constituição da função do Eu.

Ainda em seu célebre texto O Estádio do Espelho Como Formador da Função do Eu, Lacan (1949 [1998]) aponta a posição de engodo que a instância do eu irá sempre ocupar na relação com os objetos e com outros sujeitos. Essa posição, cuja gênese é a antecipação de algo, manterá o eu no lugar do desconhecimento, onde ele fará parte de uma realidade singular por ele projetada fantasisticamente.

Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (LACAN 1949 [1998], p.100)

Dessa forma, Lacan aqui aponta que esse processo de reconhecimento da própria imagem no espelho quando ainda não há uma maturação corporal completa, realiza-se um movimento que vai da insuficiência à antecipação e que, portanto, essa projeção de unidade na superfície corporal constitui uma totalidade que aqui Lacan nomeia enquanto ortopédica.

Nesse sentido, podemos depreender que as identificações herdeiras desse processo, são como próteses que vão sustentando e que sustentam a partir do olhar do outro, do semelhante. Essas próteses, essas identificações auxiliam a construção de uma identidade. Por conseguinte, essa identidade é uma ilusão, no entanto, necessária, que não é concedida, ela é construída a partir da antecipação que o outro faz de um sujeito, nessa posição que o outro se coloca e que possibilita antecipar esse sujeito.

Essa experiência do estágio do espelho, que não se restringe de forma alguma a uma única vivência, mas que marcará sua história e estrutura, dispondo de materiais para suas fantasias de despedaçamento - experienciadas, em sua maioria, na psicose - e, em oposição, de unicidade, passível de observação no uso corrente da palavra indivíduo.

A posição de desconhecimento do eu suscita que todo saber humano necessita da mediação do outro, tanto pela via do desejo quanto pela via da concorrência, nesse caráter mais agressivo da relação especular. A imprescindibilidade dessa mediação coloca o eu nesse lugar onde se fará necessário sua defesa diante das manifestações pulsionais, que serão tomadas como perigosas e ameaçadoras da função social do eu.

É esse momento que decisivamente faz todo o saber humano bascular para a mediatização pelo desejo do outro, constituir seus objetos numa equivalência abstrata pela concorrência de outrem, que faz do [eu] esse aparelho para o qual qualquer impulso dos instintos será um perigo, ainda que corresponda a uma maturação natural - passando desde então a própria normalização dessa maturação a depender, no homem, de uma intermediação cultural, tal como se vê, no que tange ao objeto sexual, no complexo de Édipo. (LACAN 1949 [1998], p. 101 - 102)

Dessa forma, a cultura terá um papel premente no processo de maturação natural do humano, principalmente, no que tange ao objeto sexual, o que evidencia a eterna dependência a que somos expostos por conta de sua condição constituinte do eu. Portanto, o eu só pode se constituir na mediação com o outro, na medida em que o sujeito sai do campo natural e entra no campo da cultura, no campo da linguagem.

Ainda tratando da fase do estágio do espelho, se observa uma inovação teórica para tratar desse conceito metaforicamente: o esquema óptico do Estádio do Espelho, que em Lacan é oriundo do experimento do buquê invertido do físico Henri Bouasse (1934).

O esquema de Bouasse consiste em um vaso de plantas vazio posicionado sobre uma caixa, que contém um buquê de flores embaixo, cuja abertura está em direção a um espelho côncavo, que devido a propriedade esférica desse espelho, produz uma imagem real com a ilusão de que as flores estão perfeitamente encaixadas dentro do vaso. Esse fenômeno é possível devido à propriedade óptica de que os raios emanados de um ponto são direcionados a um mesmo ponto simétrico no plano circunscrito pelo aparelho. A fim de que esse experimento funcione, duas condições são incontornáveis: o posicionamento dos elementos do experimento - vaso, caixa, espelho côncavo, flores, etc - e a posição do olho do observador que deve se colocar no centro de feixes emitidos pela superfície esférica. (BONI JUNIOR, 2010).

No esquema, tem-se a ilusão de que esses objetos, o vaso e o buquê, formam uma unidade, no plano da imagem real, ainda que esses objetos estejam em lugares espacialmente distintos. Em consonância metafórica, a formação do eu resulta do efeito do processo de identificação com a própria imagem no espelho e da superfície do corpo o que também produz uma ilusão devido ao descompasso que advém da falta de maturidade biológica inerente ao ser humano nesse momento inaugural da fase do espelho.

Lacan (1954 [2009]) adverte que o uso do aparelho não visa apenas exemplificar o que acontece em certa etapa do desenvolvimento, mas sim para ilustrar o que resulta na economia psíquica da dupla incidência do imaginário e do simbólico. O esquema com os espelhos é utilizado como metáfora da formação do eu através da relação da imagem real do vaso e do objeto real buquê.

O eu-ideal, definido por Freud como narcisismo primário, advém da identificação com a totalidade da imagem, além de ser a base para as identificações futuras do sujeito. Para Lacan (1954 [2009]) este narcisismo equivale a imagem real formada no espelho esférico, na medida em que constitui ferramentas para apreender a realidade a partir de algumas estruturas pré-formadas. (BONI JUNIOR, 2010)

O ideal do eu, correspondente em Freud ao narcisismo secundário, se situa ao nível da imagem virtual formada, a partir da imagem real, no espelho plano - inovação acrescentada por Lacan ao esquema óptico de Bouasse, cujo experimento original não dispõe de um espelho plano - do esquema óptico proposto por Lacan. Nesse sentido, o espelho plano faria função ao espelho côncavo semelhante àquela que o outro faz na relação entre semelhantes humanos. "O outro tem para o homem valor

cativante, pela antecipação que representa a imagem unitária tal como é percebida, seja no espelho, seja em toda realidade do semelhante.” (LACAN, 1954 [2009], p. 169)

Por meio desse esquema é possível depreender, mais uma vez, o caráter ilusório e de desconhecimento que a instância psíquica do eu é permanentemente submetida. A subordinação das imagens - imagem real e imagem virtual - revelam o mecanismo no qual a referência do outro implica na subjetivação da instância psíquica do eu. Dito de outro modo, o eu é formado a partir do outro que, posicionado em determinado lugar, é capaz de projetar um sujeito, onde não há um. Sujeito esse que será atravessado pela imagem e pela palavra ao mesmo tempo.

Esse processo do estágio do espelho culminaria em duas matrizes de subjetivação distintas, a saber o eu-ideal e o ideal do eu. O primeiro teria predomínio do registro imaginário e o segundo, o ideal do eu, seria atravessado pela linguagem, cuja referência é conferida pela realidade organizada pelo grande Outro.

Chamamos A a esse espelho, chamamos i(a) à imagem real do vaso, chamamos a às flores. E vocês vão ver que isso vai nos servir de suporte para as explicações que temos a dar relativamente às implicações da função do narcisismo, na medida em que o ideal do eu desempenha aí este papel de mola introduzido pelo texto original de Freud sobre a Introdução ao Narcisismo. É a esse papel de mola que se dá tamanha importância quando nos dizem que o ideal do eu é também o ponto axial dessa espécie de identificação cuja incidência seria fundamental na produção do fenômeno da transferência. (LACAN 1961 [2010], p. 423)

No entanto, dentre os apontamentos feitos até aqui, o que vai nos interessar para a construção argumentativa deste trabalho é de que forma a função do eu que é constituído a partir do outro mantém o mesmo preso em um engodo e permanentemente acompanhado de seu duplo especular (QUINET, 2018).

Freud, no texto O Infamiliar de 1919, desenvolve essa noção de duplo, onde ele aborda o tema do estranhamento de diversas formas. A partir de uma breve análise do conto O Homem da Areia de E. T. A. Hoffmann (1919), Freud (1919 [2019]) elenca alguns pontos observados no conto que transmitem de forma exemplar essa sensação de estranhamento. Dessa maneira, tomando um texto de Otto Rank de mesmo nome, O Duplo (1914), Freud (1919 [2019]) aponta que esse duplo pode surgir de diversas formas como por meio da relação com sombras, espelho, imagens de pessoas consideradas idênticas e a morte.

Nesse contexto, a alma é proposta como o primeiro duplo, surgido a partir da angústia em relação à morte, a alma é um duplo do corpo imortal. Essa duplicação constitui uma defesa contra a destruição que faz contraponto a um outro tipo de duplicação típica da representação da castração nos processos oníricos, a duplicação

ou multiplicação de símbolos genitais. Freud (1919 [2019]) localiza a gênese do duplo no narcisismo primário, onde o amor por si mesmo impera nos primórdios da vida anímica, cujo declínio possibilita a formação de uma instância que exerce autocrítica, auto-observação e censura.

Mas essas representações surgiram no campo do ilimitado amor por si mesmo, o narcisismo primário, que domina a vida anímica das crianças [...]. A representação do duplo não declina, necessariamente, junto com esse protonarcisismo dos primórdios, pois, a partir de um desenvolvimento posterior do Eu, ele pode ganhar novo conteúdo. No Eu se forma, lentamente, uma instância singular, que se pode, além disso, contrapor ao restante do Eu, e que serve à auto-observação e à autocrítica, conduzindo o trabalho de censura psíquica, e que nossa consciência conhece como “consciência moral”. (FREUD, 1919 [2019], p. 69-71)

Essa instância autorreguladora confere essa propriedade de duplo do Eu que é cindido. O fato de que exista um lugar da auto-observação do Eu, que pode, portanto, tomá-lo como objeto, torna possível a representação do duplo de diferentes formas, - a partir de conteúdos censurados pela instância crítica, de possibilidades de destino, fantasias e aspirações do Eu, por algum motivo, não realizadas - inclusive esse estranhamento com a imagem.

Assim, essa marca do Eu enquanto cindido, capaz de autocensura, e portanto, acompanhado de seu duplo, indica mais uma vez que a identificação com a própria imagem é a ilusão de uma unidade onde ela não é possível. Essa identificação imaginária não abarca o sujeito como uma totalidade, ela é somente uma parte do sujeito, uma representação do Eu e, por conseguinte, não o define por completo. Por mais que essa identificação com a imagem se apresente como um contorno, uma unidade, um todo, ela não é; essa imagem não dá conta do sujeito, ela é diferente dele à medida que não podem ser a mesma coisa, não podem ser idênticas uma à outra. Esse descompasso, que a experiência do duplo bem representa, é testemunhado através da sensação de estranhamento.

Se por um lado, esse estranhamento na estrutura psíquica da neurose pode ser contornada com o recurso simbólico do qual o sujeito dispõe, que possibilitará uma mediação com a imagem do Eu, apesar do estranhamento, o mesmo não ocorre na estrutura psicótica, pois ali não há recurso simbólico para fazê-lo. Assim sendo, uma identificação sem mediação simbólica é o que se passa na psicose.

Nesse sentido, é importante reiterar que a formação do eu a partir do outro apresenta toda uma dimensão dessa instância onde o outro diz quem ele é, na mediação da identificação com a palavra e com a imagem. De tal maneira, a

identificação sem mediação do simbólico, da palavra, torna essa relação muito mais rígida e cristalizada, como é o caso da psicose. Assim, se faz necessária uma melhor definição da identificação.

3.2 A IDENTIFICAÇÃO

A identificação é o processo pelo qual se constitui um sujeito através da assimilação de traços dos modelos humanos de seu convívio. Tal qual como definido por Roudinesco (1998): “Termo empregado em psicanálise* para designar o processo central pelo qual o sujeito* se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam.”

Essa definição resume um processo fundamental para a teoria psicanalítica que, no entanto, não passou por uma definição metódica, o que é lamentado pelo próprio Freud. Esse conceito capital da teoria psicanalítica vai assumindo contornos ao longo dos escritos freudianos desde cartas, passando pela obra fundamental da *Psicanálise*, até à grande reformulação teórica de 1920.

Nesse ponto, Freud (1921 [2011]) destaca três diferentes tipos de identificação. A primeira seria a identificação enquanto parte da “pré-história do Édipo”, referente ao estágio oral, onde seria difícil distinguir incorporação de identificação. O segundo tipo trata-se da identificação regressiva, característico do sintoma histérico, onde a imitação não é tomada da pessoa amada, mas de um sintoma dela. Por fim, o terceiro tipo acontece em meio a ausência de investimento sexual e se define por “capacidade ou [da] vontade de colocar-se numa situação idêntica” à do outro ou dos outros.”

Dessa forma, também Lacan vai posicionar a identificação no centro de sua teoria psicanalítica e fará uma leitura dela como pertencente ao registro imaginário, de acordo com sua proposta dos três registros, a saber, simbólico, real e imaginário. A identificação, para Lacan, é um processo situado na fase por ele denominada de estágio do espelho, essa fase onde o resultado poderá ser o reconhecimento da própria imagem no espelho enquanto o eu, dando origem a essa posição do duplo imaginário do eu.

Para Roudinesco:

Tal como Freud, Jacques Lacan* situa a identificação no cerne de seu trabalho teórico. A princípio, a identificação é situada por ele no registro do imaginário*, durante a fase do estágio do espelho*. Em seguida, ela pontua os três tempos da concepção lacaniana do Édipo, sob a forma de uma identificação com o que se presume ser o desejo da mãe, depois, sob a forma da descoberta da lei do pai e, por fim, sob a da simbolização dessa lei, que tem como efeito atribuir ao desejo da mãe seu verdadeiro lugar e permitir as identificações posteriores, constitutivas do sujeito. (ROUDINESCO, 1998, p. 365)

Além disso, a identificação contém um equívoco, próprio do registro imaginário, do espelho. Nessa relação, não há hiância, somente um contínuo, uma reciprocidade.

Para Lacan (1953-54 [2009]), a identificação é um tema recorrente em Freud, encontrado desde o início de sua teorização, mas muito equivocadamente com o conceito de escolha de objeto, tão intrinsecamente tratado em Freud que admite a impossibilidade, para si, de determinar as fronteiras entre um e outro.

Trata-se do estado amoroso em suas relações com a identificação. Acompanhando o texto de Freud, a identificação é uma função mais primitiva, mais fundamental, na medida em que ela comporta uma escolha de objeto, mas uma escolha de objeto que não deixa de ser forçosamente articulada de uma maneira muito problemática, pois a análise freudiana vai ligá-la profundamente ao narcisismo. Para ir o mais longe possível no sentido perfeitamente articulado por Freud, digamos que este objeto seja uma espécie de outro eu (moi) no sujeito. Trata-se, pois, de saber como articular a diferença entre a identificação e a Verliebtheit nas suas manifestações mais elevadas, mais plenas, conhecidas sob o nome de fascinação, de submissão, de Hórigkeit, que é fácil de descrever. Lemos na tradução francesa: No primeiro caso, o eu se enriquece com as qualidades do objeto, assimilando este último... quando se deve ler, simplesmente, o que Ferenczi disse, a saber, introjeta. Esta é a questão das relações da introjeção com a identificação. (LACAN, 1953 [2009], p. 174)

Lacan (1953 [2009]) aponta uma ligação estabelecida entre identificação e introjeção. A esta última, ele propõe uma metáfora latente, a saber, a metáfora oral. Para tanto, Lacan descreve a relação de objeto no sentido da incorporação, ou seja, tomar um traço do objeto para si, localizada em Freud (1905 [2016]) na fase oral, protótipo da identificação, que é tributária da relação primordial com o cuidador, com o outro imediato da função materna.

Logo, essa relação suscita um mecanismo de compensação da frustração do amor, - eventualmente experienciada pelo infans com a ausência desse outro - pela satisfação de uma necessidade que deixa um rastro por onde se dá a regressão oral nessas condições. Essa reação apresenta seu modelo, por exemplo, na incorporação de certas palavras presentes na gênese da formação do supereu.

Outros tipos de identificação são aquelas em relação ao significante e a identificação à imagem. Esta última resulta em uma transformação, uma modificação por conta da assimilação de uma imagem especular, enquanto a identificação de significante tem como efeito a singularidade, a pura diferença. Essa operação tem como suporte à função do traço unário que não significa a diferença e singularidade de cada significante, mas o que há de comum entre eles, ou seja, que são significantes que pertencem a uma mesma cadeia e que, portanto, tem sua singularidade em comum (SILVA; CARVALHO; CHATELARD, 2017).

A fase do estádio do espelho inaugura não somente a função do Eu, mas a constituição do sujeito, ou seja, uma determinada posição no simbólico em relação e por meio de um discurso. Ao passo que, é preciso uma identificação com uma imagem para a instituição da função do Eu, é condição para a constituição do sujeito uma identificação a um significante. Dessa forma, o sujeito depende da linguagem para se constituir. Esse significante, o nome próprio, atua na inscrição de um lugar para esse sujeito no universo de um discurso (SILVA; CARVALHO; CHATELARD, 2017).

No entanto, este trabalho vai se restringir à identificação referente à imagem, que tem como base de sua constituição o outro e ainda a confirmação desse outro de quem é Eu. Essa propriedade da identificação, enquanto herdeira da formação da função do Eu a partir do estádio do espelho, nos auxilia no diálogo proposto entre o funcionamento psíquico do personagem machadiano e aquele próprio à psicose, pois o mesmo denota certa relação no que diz respeito à imagem de si e com o outro preso, também ele, na relação dual especular.

A partir dos apontamentos e do percurso até aqui seguido na apropriação de conceitos da Psicanálise sobre o funcionamento psíquico da estrutura psicótica, daremos início à investigação sobre a estrutura subjetiva no diálogo com o personagem principal do conto O Espelho, o sr. Alferes.

4 MECANISMOS DO FUNCIONAMENTO PSICÓTICO CARACTERIZADOS NA PERSONAGEM DO CONTO

De início, será necessário um resumo do referido conto, de Machado de Assis, *O Espelho* (1882 [2008]). Alguns apontamentos serão feitos ao longo do texto, porém a discussão mais aprofundada e articulada com a estrutura clínica da psicose será realizada seguidamente essa primeira parte.

Machado de Assis (1882 [2008]) inicia sua narrativa descrevendo uma discussão sobre questões de “alta transcendência” entre quatro ou cinco cavalheiros em uma sala iluminada a velas. A imprecisão do número é em função de apenas quatro deles participarem da conversa enquanto um quinto personagem se mantém calado. Essa personagem chama-se Jacobina que é convidado a participar do debate mais de uma vez, no entanto, recusa-se pois não é um homem de discussão, justificando-se por meio de metáforas que opõem a discussão enquanto característica de uma “herança bestial do homem” e a “perfeição espiritual e eterna de querubins e serafins” que não discutem nunca.

Em determinado momento, ele decide participar da conversa sob uma condição: não deve ser interrompido. Assim, de pronto, apresenta uma teoria pessoal de que não há somente uma alma, mas sim duas, uma exterior e outra interior; de acordo com essa teoria, a alma exterior é mutável para alguns mais do que para outros. Então, inicia seu relato sobre um episódio que lhe aconteceu aos 25 anos quando de sua promoção ao posto de Alferes da Guarda Nacional, acontecimento que o promoveu também em sua família e comunidade; todos que antes o tratavam por Joãozinho, agora se referem a ele como sr. Alferes, através de gestos de afeto e distinção.

Um dia, ele é convidado por sua tia Marcolina para ter com ela em seu sítio e pede que ele leve consigo sua farda. Jacobina continua seu relato pontuando o tratamento prestimoso ainda redobrado na casa da tia que morava com o cunhado o qual seguia os passos da mesma nos elogios e bênçãos ao futuro brilhante de Jacobina; ao ponto de lhe ser dedicada a maior honraria da casa: a tia Marcolina manda colocar um espelho em seu quarto, uma herança da mãe cuja lenda familiar afirma que o espelho veio com a corte portuguesa quando esta deixa Portugal e se muda para o Brasil em 1808.

Estes obséquios, com o tempo, provocam uma transformação em si; palavras do próprio Jacobina: “o alferes eliminou o homem”. Daí em diante, ele fala de si como se fosse dois, o homem que cuja alma exterior era “dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem.” (p. 46)

Não muito depois, a tia Marcolina recebe a notícia de que uma de suas filhas, casada e que residia cinco léguas dali, estava muito doente e à morte. Dessa forma, ela apressa-se em armar uma viagem e leva consigo o cunhado, deixando o sítio aos cuidados do sobrinho Jacobina. É nesse momento, que como nosso personagem, o sr. Alferes descreve: “senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia, estava agora limitada a alguns espíritos boçais.” (p. 46)

Nosso narrador relata o arrefecimento do convívio social e intimidade familiar, pois o único contato que tinha agora era com os escravizados. Desse ponto, ele acrescenta ao seu relato que de certa forma percebeu que os escravizados redobraram seu préstimo e alegria, que, no entanto, poderia significar que estavam planejando fugir, o que de fato fizeram. No dia seguinte, Jacobina encontra-se só em casa, tendo por companhia somente os animais do sítio, exceto pelos cachorros; situação essa que nosso narrador afirma ser pior que a morte.

O sr. Alferes descreve com profundidade quão incômoda e aterradora aquela situação era para si:

Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século, no velho relógio da sala, cuja pêndula, tic-tac, tic-tac, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow e topei com este famoso estribilho: *Never, for ever! - For ever, never!* Confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos. Era justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina: *Never, for ever! - For ever, never!* Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada. E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O silêncio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita ou mais larga. Tic-tac, tic-tac. Ninguém nas salas, na varanda, nos corredores, no terreiro, ninguém em parte nenhuma... (ASSIS, 1882 [2008] p. 48)

Nesse meio tempo, Jacobina tem sonhos sobre promoções, amigos da família que vinham visitar e prometiam postos de tenente, capitão e major. Esses sonhos marcavam bem o contraste neste período de isolamento pois no “sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior”. Essa fala aponta para uma necessidade de afirmação pelo Outro, aponta para algo que não se sustenta

em si mesmo, uma carência do olhar e da palavra do Outro, uma constante afirmação e reafirmação de lugar.

A partir desse ponto, Jacobina observa aos seus ouvintes atentos que em nenhum momento, desde que foi deixado só no sítio, tinha se olhado no espelho, presente de sua tia, em seu quarto. O motivo seria resultado de um cálculo inconsciente que revelava um receio de nossa personagem de não ver a imagem que costumava ter de si quando estava diante de um espelho:

Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias, deu-me na veneta olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. (ASSIS, 1882 [2008] p. 49)

O sr. Alferes relata que a imagem reproduzida pelo espelho, ele não a reconhece; ela não é nítida e ele usa palavras como “vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra.” Descreve um gesto que fez diante do vidro e o que viu em retorno foi um gesto “disperso, esgaçado, mutilado.” De repente, ele tem uma ideia, então lhe ocorre de vestir a farda de alferes e tornar a olhar-se diante do espelho; o resultado foi:

O vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginei um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros. [...] Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria, e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com esse regime pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir... (ASSIS, 1882 [2008] p. 50)

Dessa forma, Jacobina demonstra que ao se ver vestido de Alferes, finalmente consegue se reconhecer nesse lugar de alferes, e pode fazê-lo através da imagem refletida no espelho.

De saída, o paralelo mais evidente com o caso Schreber acontece nessa cena do espelho. Essa atitude, ambos a praticam, passar horas na frente de um espelho a fim de cultivar uma imagem para si, algo que possa dar contorno e significado a si mesmos. Enquanto Schreber o fazia de maneira a concretizar sua transformação em mulher, na mulher de Deus, conforme seu delírio define, o personagem alferes não é

mais capaz de reconhecer a própria imagem refletida no espelho sem seu uniforme militar.

Desse modo, um aspecto que vale ser apontado é o objeto espelho nessa narrativa. Esse objeto, não se trata de qualquer espelho, ele é O Espelho, assim como Machado nomeia o conto. Há na família do alferes um espelho que passou de geração a geração, cuja tradição familiar atribui sua origem juntamente à chegada da corte em 1808.

A peça é descrita como uma “obra rica e magnífica” (ASSIS, 1882 [2008], p. 45), emoldurada de ouro, com figuras esculpidas e enfeites de madrepérola. Uma peça fina, que destoava do restante dos móveis da casa, que eram simples. A ele, o senhor Alferes, foi dada a honra de ter esse espelho – que ficava exposto na sala – posto em seu quarto. E é, justamente, diante desse espelho, que representa as gerações passadas, um símbolo de tradição e glória, que tem ainda sua introdução na família atrelada à chegada do rei de Portugal, Dom João VI, justamente diante desse espelho, que o senhor alferes se apresenta e não é capaz de se reconhecer.

O espelho aqui remete ao Outro, ecoando a função do espelho no esquema óptico de Lacan. Esse lugar de convocação e de falta, o qual empresta termos que perpassam a constituição de um sujeito. E é diante desse espelho, d’O Espelho, que o personagem não consegue se reconhecer, dando notícia de uma relação outra com sua imagem, ou ainda, com o Outro.

A impossibilidade de fazer esse reconhecimento de si nos dá a notícia de que essa imagem é construída e necessita de um outro para afirmá-la, para sancioná-la. Como acompanhamos até aqui, a fase do estádio do espelho inaugura a possibilidade de um reconhecimento da própria imagem em conformidade com a presença e aprovação do outro. É através dessa cena, que se constitui não somente a função do eu, enquanto uma unidade antecipada identificada à imagem corporal, mas também o sujeito da linguagem.

No entanto, é preciso uma condição para a constituição desse sujeito. Essa condição nos remete à estruturação subjetiva derivada do complexo de Édipo que coloca o sujeito diante da castração diante da qual o sujeito terá de se posicionar. Essa posição, porém, é tomada a partir da notícia do desejo do Outro, veiculado pelo outro que exerce a função materna, do desejo enquanto falo, que imaginariamente é apreendido como falta.

Esse processo só se torna possível através de uma posição terceira. Nesse momento de declínio do complexo de Édipo, a posição terceira é aquela do Nome-Do-Pai. Como esse significante é foracluído na psicose, o acesso à mediação simbólica, enquanto sujeito, estará vedado ao psicótico e, portanto, as relações e a constituição de si estarão localizadas no registro imaginário (QUINET, 2018).

O que nos interessa na construção desse trabalho é a relação do sujeito psicótico com a própria imagem, exemplificada no caso Schreber que ecoa um funcionamento similar no personagem machadiano. Dessa maneira, a ênfase estará do lado do imaginário mais do que do simbólico.

A partir disso, é possível dizer que a cena do espelho para o personagem Alferes constitui um ponto de virada em seu funcionamento psíquico. Por exemplo, ao iniciar sua participação na conversa com os homens da sala iluminada a velas no começo do conto, o sr. Alferes atrela a possibilidade de sua participação a uma condição: a de que os outros o ouvissem em silêncio, pois o mesmo não discute. Essa é uma característica comum às psicoses. A discussão, a dúvida, o debate são próprios da neurose. O psicótico tem certeza, pois não possui recursos simbólicos para lhe dar acesso ao benefício da dúvida (MEYER, 2008).

Outra questão que se faz notar é a teoria que o sr. Alferes apresenta logo em seguida ao início de sua fala, a teoria das “almas duplas”. Essa teoria, que ele mesmo define como: “uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro”, pode ser encarada enquanto um delírio, um discurso que permite entrever a visão dupla que ele tem de si mesmo. É importante destacar que essa teoria é apresentada posteriormente à cena do espelho, por um Alferes mais velho, o mesmo que narra sua experiência para os outros da sala.

Assim como Schreber, que construiu seu delírio de transformação na mulher de Deus para auxiliá-lo a significar o mundo e dar um contorno a si mesmo, também o personagem de Machado parece ter criado para si um delírio de almas duplas, o que explicaria sua experiência ímpar diante do espelho de sua tia.

O conteúdo desse delírio do personagem Alferes evoca o tema do duplo tratado por Freud (1919 [2019]). O duplo é uma experiência comum a todos, à medida em que todos os seres falantes estão sujeitos a experienciá-lo, pois trata-se de uma propriedade da instância do eu que é estruturalmente cindida, porém encoberta pela ilusão de unidade que a identificação com a imagem propicia. O personagem vivenciou alguns aspectos de estranhamento provocados, pela propriedade do duplo,

na sua primeira passagem pelo espelho, onde ele não foi capaz de reconhecer a si mesmo na imagem refletida em retorno.

Enquanto narra sua história, o sr. Alferes descreve, com certo relevo, o tratamento dispensado a si pelos familiares e conhecidos que o encontravam depois de sua promoção na Guarda Nacional. Ele descreve ainda como particularmente esse tratamento provocou uma transformação em sua alma exterior: “O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza [...]” (ASSIS, 1882 [2008], p. 46).

Estes obséquios podem fazer parte de um reforço de identidade, palavras e gestos que reiteradas vezes davam um contorno ao Alferes, diziam quem ele é e que lugar ele ocupa no mundo. A partir do momento em que ele se encontra sozinho, ele não possui mais este reforço e precisa responder em nome próprio, responder às exigências do Outro quando está sozinho, exigências essas que impõem questões, em última instância, referentes à existência, com as quais a estrutura psicótica não dispõe de recursos simbólicos para lidar (QUINET, 2018). Dessa forma, o sujeito, nessas condições pode se desorganizar psiquicamente, e essa parece ter sido justamente as circunstâncias do sr. Alferes.

Consequentemente, sem a presença e afirmação reiterada daqueles à sua volta, que agiam como uma espécie de espelho eles mesmos, dando contorno e reforçando uma imagem para esse sujeito, - agindo como as “próteses ortopédicas” de que fala Lacan (1949 [1998]) - o Alferes se desfaz, despedaça-se, como ele mesmo testemunha diante do espelho: “Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. [...], um receio de achar-me um e dois, [...] frente ao espelho lá estava o gesto, disperso, esgaçado, mutilado; linhas difusas na imagem refletida, decomposição.” (ASSIS, 1882 [2008], p. 49)

Esse lugar onde o sujeito psicótico se apreende, preso a uma imagem, atrelado a uma identidade fixa, permanentemente dependente da reafirmação dessa identidade e, portanto, esse lugar de alguém idêntico a si mesmo; compreende um funcionamento psíquico próprio do imaginário, estreitamento ligado à função do eu. Nesse sentido, esse estado de coisas concebe um engodo. A imagem não é capaz de dar conta de tudo, há sempre algo que escapa que é próprio do sujeito e com o qual o psicótico não possui recurso simbólico para responder de Outro lugar, para

responder em nome próprio, ou seja, a partir da inscrição do sujeito no universo de um discurso através da identificação a um significante. (SILVA; CARVALHO; CHATELARD, 2017).

Para dar conta desse engodo, ainda que de forma precária, o sujeito, com os recursos que possui, pode estabilizar-se psiquicamente através da produção de um delírio e, conseqüentemente, de uma nova imagem para si. Esse arranjo precário é o que encontramos no caso Schreber, que se estabiliza como seu delírio de transformação na mulher de Deus que terá como trabalho conceber os homens de verdade que substituirão esses “homens feitos às pressas”. Um delírio que compreende um exercício diário de olhar-se diante do espelho a fim de concretizar essa transformação em mulher.

De maneira similar, o personagem machadiano parece recorrer ao mesmo recurso, ele veste o uniforme de Alferes e coloca-se diante do espelho, como um exercício diário, e somente nessas condições ele é capaz de reconhecer, de se identificar à própria imagem. O sr. Alferes precisa dessa imagem devolvida para si, principalmente quando se encontra sozinho e não há ninguém para fazê-lo e ele não parece ser capaz de sustentar essa imagem apoiado no simbólico. Ainda no campo da correspondência ao caso Schreber, o Alferes também constrói um delírio que denuncia a imagem dupla que ele parece ter de si mesmo. Essa teoria, de forma semelhante ao espelho e ao caso de Schreber, é o que vai auxiliá-lo a significar o mundo à sua volta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho iniciou com uma questão que se impôs após a leitura do conto O Espelho de Machado de Assis. Esta questão diz respeito à estrutura psíquica subjetiva que o personagem principal parece habitar, a psicose. Para tanto, lançamos mão de conceitos da Psicanálise que constituíram a base dessa investigação.

Dito isto, não tivemos a intenção de fechar de um diagnóstico e cravar sem sombra de dúvidas a natureza psicótica de nosso personagem. O objetivo deste trabalho esteve mais direcionado ao processo de pesquisa e identificação de pontos que impusessem a busca de ferramentas a fim de construir um embasamento teórico que o tornasse possível.

Reconhecemos ainda a limitação da fonte dessa investigação, que se resumiu a um conto literário e, portanto, de natureza curta. Essa circunstância, no entanto, não inviabiliza, a nosso ver, a confecção deste trabalho em cima das questões suscitadas a partir deste curto, porém rico texto de Machado de Assis. É preciso reconhecer também a limitação de um trabalho de monografia, que, entretanto, abre a possibilidade de sua expansão na incursão em outras formações de pós-graduação.

Isto posto, algumas considerações acerca das possibilidades de interpretação da experiência descrita no conto se fazem necessárias. Uma delas diz respeito ao segundo tipo de identificação possível também metaforizado a partir do esquema óptico proposto por Lacan: a identificação a um significante. Essa operação leva em consideração que a identificação com uma imagem encontra uma ratificação no Outro encarnado no semelhante próximo, no outro.

Ambas as identificações são contempladas no esquema óptico que metaforiza a fase do estádio do espelho que não só inaugura a função do eu como também a constituição do sujeito da linguagem. Tal operação é realizada a partir do suporte do traço unário, que marca o que há de comum aos significantes, a saber o predicado da diferença, da singularidade que o significante comporta numa cadeia discursiva. Desta maneira, o tema do traço unário e, portanto, a identificação significante, parecem ser importantes tópicos a se desenvolver a partir desse trabalho.

A partir dessas considerações com a identificação ao significante e o traço unário, que podem permitir uma leitura mais precisa e mais aprofundada da hipótese de que o caso do sr. Alferes poderia ser lido como o resultado da mudança de posição ocupada por esse sujeito que não possui recurso simbólico, ou seja, não há um sujeito do inconsciente para dar conta dessa mudança. Tendo em vista que a forclusão do Nome-do-Pai - esse significante que instaura a Lei e, portanto, o limite ao Outro - impossibilita o estabelecimento do sujeito da linguagem e o acesso a questões sobre o sexo e a morte. Questões do sujeito neurótico que se organiza simbolicamente por meio desse significante imaginário do falo.

O psicótico não é capaz de significar o mundo como um neurótico, através do significante falo. Ele parece muito mais se sustentar em um arranjo precário de fixação em imagens, preso a uma relação dual. Essa pode ser uma maneira de interpretar o personagem de Machado, enquanto um sujeito psicótico que não poderia significar uma mudança de posição simbólica e talvez isso tenha provocado um início de surto psíquico.

Outra perspectiva possível a esse caso também se relaciona com a possibilidade de avançar na identificação simbólica, com o traço unário, que poderia ensejar a indagação a respeito do lugar do significante Alferes, no desencadeamento do surto e na estabilização. Como vimos a pouco, o papel desse significante na desorganização psíquica do personagem do conto pode ter sido aquele comparado à promoção de Schreber ao cargo de presidente da corte de apelação de Dresden; uma mudança de posição no simbólico que demandava significação fálica, o que não era acessível a Schreber enquanto um sujeito psicótico.

O significante Alferes, também ele resultado de uma promoção na Guarda Nacional do segundo Império, pode fazer parte do desencadeamento do surto por se tratar de uma mudança de posição não apoiada no Outro. É possível que no caso do personagem machadiano haja uma identificação a esse significante Alferes. No entanto, essa identificação pode suscitar algumas questões: Alferes seria a identificação a um significante enquanto traço unário, ou seja, um significante capaz de substituir o nome? Esse questionamento se faz ainda mais pertinente quando se leva em conta que o conto de Machado de Assis é apresentado de tal maneira a que o leitor é facilmente levado a esquecer o nome do personagem antes da sua promoção ao posto de Alferes.

O que parece ser mais evidente é que esse significante desempenhou um papel importante na estabilização do personagem, visto que, não é de qualquer maneira que o mesmo se posiciona diante do espelho, mas sim vestido com o uniforme de Alferes que pode atuar no contorno e apoio do sujeito psicótico nessas próteses ortopédicas imaginárias.

Todas essas questões e mais algumas outras podem surgir a partir do trabalho com os conceitos psicanalíticos no diálogo com o conto fértil de Machado de Assis. O que foi exposto e tratado até aqui é uma perspectiva possível para o tratamento desse texto e que pode fomentar trabalhos futuros aqueles que queiram se debruçar no trato dos conceitos da Psicanálise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **O Espelho** (1882). In: Papéis avulsos. São Paulo: Editora Martin Claret, 2008.

BONI JUNIOR, Jonas de Oliveira. **O estágio do espelho de Jacques Lacan: gênese e teoria**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em:<10.11606/D.47.2010.de-09022011-123759>. Acesso em: 26 jun. 2022.

COSTA, Márcio C. S.; LAMEIRA, Valéria; RODRIGUES, Simone de M. **Fundamentos Metodológicos da pesquisa teórica em Psicanálise**. Fortaleza: Revista Subjetividades 17(1): 68-78, janeiro, 2017.

FREUD, Sigmund. (1901-1905) Obras completas, volume 6: **três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. (1909-1910) Obras completas, volume 9: **Observações sobre um caso de neurose obsessiva ("o homem dos ratos") uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. (1911-1913) **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber")**, artigos sobre técnica e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1919) **O Infamiliar**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

_____. (1917-1920) **História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos")**, além do prazer e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1920-1923) **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1924) **O Declínio do Complexo de Édipo**. In: *Neurose, Psicose, Perversão*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

LACAN, Jacques. (1949) **O estágio do espelho como formador da função do eu.** In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1953 – 54) O seminário, livro 1: **Os escritos técnicos de Freud.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. (1956 - 57) O seminário, Livro 4: **A relação de objeto.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. (1957 – 58) O seminário, livro 5: **As formações do inconsciente.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. (1960 – 61) O seminário, livro 8: **A transferência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

_____. (1964) O seminário 11: **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

MEYER, Gabriela Rinaldi. **Algumas considerações sobre o sujeito na psicose.** *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. 18 nov. 2008, v. 11, n. 2, p. 299-312. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982008000200009>>. Acesso em 15 jul. 2022.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SILVA, Livia Campos; CARVALHO, Isalena Santos; CHATELARD, Daniela Scheinkman. **Considerações sobre a noção de nome próprio em Lacan:** entre o significante e a letra. *Cad. psicanal.* Rio de Janeiro, v. 39, n. 36, p. 161-174, jun. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952017000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 jul. 2022.

QUINET, Antonio. **Teoria e clínica da psicose.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.